Letras

J

Jazz

Edição Especial • Periódico Cultural Letras • Julho / Agosto de 2010 • Distribuição gratuita • Belo Horizonte • MG • Brasil

C de Capa

Imagens de Alexandre Mancini, que fazem parte da exposição Jazz Modular, de 26 de julho a 29 de agosto no Café com Letras

E de Expediente

Letras

ISSN 1983-0971

Editoria e Direção Geral:
Carla Marin e Bruno Golgher

Participam desta edição os primeiros colocados no 1o Prêmio Letras de Jornalismo Cultural e Literário

Design: Jumbo

Jornalista Responsável: Vinícius Lacerda
Tiragem: 2000 exemplares
Impressão: Gráfica Fumarc

Para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafecomletras.com.br

Letras é uma publicação da ONG Instituto Cidades Criativas:
Rua Antônio de Albuquerque, 781 - Savassi
Belo Horizonte, MG - CEP 30112-010

Quaisquer imagens, fotografias e textos veiculados no Letras são de responsabilidade exclusiva de seus autores.
As restrições da legislação autoralista se aplicam, sendo vedada a reprodução total ou parcial de textos e ou imagens sem prévia e expressa autorização do titular dos direitos.

F de Fotos

Algumas das fotos que ilustram este especial do Letras são de André Tanure, e fazem parte da exposição Palco Jazz, composta basicamente de fotos em cor. As imagens foram especialmente adaptadas ao preto e branco para esta edição (com exceção da foto de Ahmad Jamal, originalmente em P&B)

Toninho Horta, por André Tanure

Fale com o Letras:
letras@cafecomletras.com.br

Realização

CAFÉ com LETRAS

SAVASSI FESTIVAL 2010
jazz + lounge

CONEXÃO vivo

NET
O MUNDO É DOS NETS

apresentam

28 de julho
a 01 de agosto

FOTOGRAFE O JAZZ

Fotografe o Savassi Festival!
Agora com uma grande novidade: além da exposição coletiva no Café com Letras, os 10 fotógrafos selecionados terão suas fotos transformadas em posters e cartões postais.

CONFIRA O EDITAL EM

www.savassifestival.com.br/fotografe_jazz

31 2514 1510 / 8492 1167
luciana@cafecomletras.com.br

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS · vivo · HERMES PARDINI Confiança, precisão e rapidez. · CEMIG A Melhor Energia do Brasil.

APOIO INSTITUCIONAL

Instituto Unimed Belo Horizonte

PROMOÇÃO EXCLUSIVA

INCONFIDÊNCIA www.inconfidencia.com.br

PROJETO PARCEIRO

APOIO

aec Relacionamento com Responsabilidade · Stella Artois · Tecar · Líder Aviação · Belo Horizonte · Belotur · Prefeitura Belo Horizonte · 'Via Albuquerque'

Guitar Shop · pura e-music. e-life. · Pátio Savassi · 5ª avenida · Incentivo à Cultura Belo Horizonte · Cultura Fundação Municipal · Prefeitura Belo Horizonte · Lei de Incentivo à Cultura Ministério da Cultura

Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

REALIZAÇÃO

CAFÉ com LETRAS

PRODUÇÃO

icc instituto cidades criativas

Ao gosto de Deus

Ewerton Martins Ribeiro

Primeiro colocado no
1º Prêmio Letras de
Jornalismo Cultural e Literário

Gostava do som, mas não entendia muito bem esse gostar. Era algo diferente, e sabia pisar em ovos ao ir para a faculdade, iPod aos ouvidos, cantarolando melodias incomuns: a qualquer momento um colega mais abusado perguntaria "o que você está ouvindo?", e tudo estaria perdido. Afinal, como explicar para o mainstream que gostava realmente, de forma sincera e despretensiosa, de música instrumental? De certa forma, só saber o significado de mainstream já poderia soar pedante entre o mainstream — e de tal pedantismo o acusariam facilmente, não fosse o fato de 'pedante' também ser palavrinha não lá das mais usuais. Fato é que Zé não era 'da turma'. Definitivamente.

"Segundo o Houaiss, quando se fala em, por exemplo, inglês instrumental, a palavra 'instrumental' proporciona a 'inglês' o sentido de algo que não tem um fim em si mesmo, mas sim que serve como meio, como instrumento para alcançar outra coisa. Em 'música instrumental', 'instrumental' obviamente denota outro sentido, mas seria mesmo interessante pensar tal estilo como um artifício para se 'alcançar outra coisa'. Nesse raciocínio, ainda mais interessante seria pensar que coisa seria essa a ser alcançada... Afinal, o que a música, quando vista para além do simples entretenimento, conduz ao nosso alcance?". Não era para menos. Os devaneios que se encerram com a pergunta retórica ilustram os raros momentos em que Zé se dava ao luxo de refletir sobre suas preferências musicais — quando o fazia no Twitter, perdia followers mais rapidamente que um pretenso jazzista neófito perde o compasso.

Implicava mesmo era quando alguém suscitava que à música instrumental faltava a voz. "Dizer isso seria o mesmo que dizer que ao Impressionismo falta a precisão da fotografia, não concorda? Que ao barroco de Aleijadinho falta a simetria da escultura clássica; que ao cinema mudo falta o som! Até porque, de certa forma, dizer que à música instrumental falta a voz permitiria dizer, em contraponto, que, na verdade, é à música popular que a voz sobra, não acha?". Não, não acha. Não achava e não achará. Na turma, no mínimo o interlocutor já haveria deixado de entender lá atrás, e há muito aguardaria o fim do discurso para enfim poder escusar-se, sugerindo um contratempo qualquer — e sem demora fugir de conversa tão confusa. Provavelmente, já haveria é deixado Zé a ver navios logo à primeira frase, mesmo sem que navio algum houvesse para se ver. Zé definitivamente não era 'da turma'. E prostrava-se chato ao tentar fazer a turma ser do Zé.

Quando na internet, antes mesmo de acessar seu e-mail ou postar sintaxes ininteligíveis e diletantes no Twitter, digitava "quint..." e logo seu navegador já sugeria o www.quintaavenida.mus.br — site que, com sua rádio on-line que só toca o que de melhor já foi feito no campo do sincopado, tornou-se de imediato o seu predileto. Lá se sentiu à vontade para, assinóptico, se libertar também da censura que se impunha por seu gosto esdrúxulo. Enquanto ouvia Louis Armstrong, John Coltrane, Miles Davis e Billie Holiday – entre outros não tão absolutos assim –, soliloquiava suas considerações; em geral, ressentia-se com a falta de um trompete aqui, cismava com a sobra de um saxofone lá. Mas o mais comum era manter-se em monólogos entusiasmados, elogiando, ermo, os baluartes da arte que tanto admirava.

De fato, o jazz fez de Zé um solitário. Ou o Zé fazia do jazz um expediente para a solidão; a saber.

• • •

Mariana não gostava de complicar. A despeito disso, isolava-se e aprofundava-se cada vez mais em seus estudos literários, de forma a entender T. S. Eliot com uma facilidade admirável – por vezes, estranha. Não tinha lá conhecimento musical aprofundado, mas era tida como aquela que apreciava o melhor de cada estilo. Do sertanejo, gostava o universitário, preferia o de raiz. Em face do pagode, frequentava, nas raras ocasiões em que desabrochava, os samba mais tradicionais. E, no carnaval, quando de pileque, mostrava-se saudosa do axé do início dos anos 90: "o gueto, a rua, a fé, eu vou andando a pé pela cidade... bonita!", suspirava. Nessas ocasiões, não se surpreenderia o conhecido que a encontrasse convidando-lhe para um baile de marchinhas. E não gostava de complicar: se fosse uma das que aceitavam convites, aceitaria com o mesmo bom grado tanto um chamado para a ópera quanto uma convocação para o funk. Por principal, importar-lhe-ia mais a companhia. O problema é que, desde sempre até então, a sua lhe bastava.

Portanto, como seria de se esperar, apesar de sua erudição literária, em música instrumental Mariana não era lá das mais iniciadas, e jazz não conhecia senão por uma ideia inicial vaga e um caminho posterior tortuoso. Explica-se. Como nem só de T. S. Eliot vive a literatura – assim como nem só de Nova Orleans viveu nem vive o jazz –, Mari desde sempre se quedou apaixonada pelas letras brasileiras. E justamente nela descobriu o ritmo que muito se confunde – tanto em nome quanto significado – com o verbo 'jazer', 'jazer' que significa 'deitar-se quieto'. Mari segredava desde sempre uma paixão secreta por Fernando Sabino, paixão que lhe concedia a intimidade de chamá-lo por Tavares. "Tenho um encontro marcado com Tavares, estou certa disso; ainda haveremos de ter um com o outro", brincava com a morte e com as letras. Tal idolatria lhe conferiu a oportunidade de não só conhecer de cor a vasta obra do autor – "ainda não detentora de seu real merecimento", sempre reiteraria em artigos nunca lidos –, como também de assistir aos vídeos das raras ocasiões em que ele, o Tavares, e não o escritor, empunhou suas vassourinhas afinadas para fazer o melhor do jazz em sua bateria – ou nas mesas dos bares, como também gostava.

Ao mesmo tempo, também apreciava a ironia e o humor do Veríssimo filho, qual também conhecia com profundidade suficiente para apreciar não só suas palavras escritas como também as que saxofonava. E foi justamente quando, ao lado de um pretenso namoradinho, decidiu se dar a assistir a uma apresentação de Veríssimo filho com a Jazz 6 – ironicamente composta por cinco –, que caiu de quatro pelo jazz, com o perdão do trocadilho sexo-numeral. Curioso foi ver que quem a deixou em posição tão comprometedora não foi nem Veríssimo com seu saxofone imponente, nem o pretenso namoradinho com o seu e-cabe-aqui-um-silêncio que esse personagem mal chegou e já vai tarde; sim a charmosa Gunhild Carling — sueca que, com sua poderosa banda, integra a primeiríssima linha do jazz internacional. Pois Mari, ao ver a cantora empunhar e tocar três trompetes simultaneamente, misturando o fino da música com o melhor do entretenimento, não teve dúvidas: "é; gosto disso; realmente".

Mas, e sempre há um 'mas' em vidas interessantes, em face das dissonâncias, tessituras e acroamas que permeiam o jazz, seja cantado ou não, e de certa forma também a música instrumental como um todo, Mari se sentiu um tanto perdida em relação a como continuar junto ao jazz, junto àquele jazz que lhe prostrou tão feliz. Junto àquele jazz que ela agora descobria lhe interessar desde a infância, quando, ao assistir a Tom e Jerry, Scooby-Doo e demais desenhos da Hanna-Barbera, já se excitava com aquela música diferente, que ora fazia o background das perseguições toscas – mas tão divertidas! – de Jerry e Tom, ora se apresentava como a ressonância 'real' de personagens músicos que tocavam enquanto Fred, Wilma, Daphne e Salsicha capturavam falsos monstros. Sim, o jazz já estava nela muito antes dela se dar ao jazz. Mas agora, que, prostrada, então se dava; agora, que então se abria, não sabia o que buscar, aonde ir, o que ouvir, quem procurar. À falta de tempo, somou seu ensimesmamento literário, de forma a praticamente sepultar – assim como fez com o namoradinho, que já se disse mas não custa repetir 'já vai tarde' –, o impulso jazzístico que ora viu desabrochar.

• • •

Ao gosto de Deus, assim será o dia 1º de agosto: Zé tomará, só, o ônibus que o deixará na Avenida Cristóvão Colombo no início da tarde desse que será um domingo de clima ameno. O frio, que nos dias antecedentes haverá permanecido, cederá complacente a um sol que então haverá insistido em brilhar desde os primeiros momentos da manhã. Em face disso e dos cinco palcos que vai

acabar percebendo em torno de si, Zé logo procurará comprar a primeira cerveja e encontrar alguém com quem possa falar sobre jazz, as apresentações francesas, americanas, alemãs e neozelandesas, o pluralismo de Chico Amaral e as especificidades do som dos disc jockeys, o Projeto Coisa Fina e a tão amada Big Band Palácio das Artes, a transversalidade da música de João Donato e tudo o que mais de excêntrico e rebuscado lhe vier à cabeça.

• • •

Ao gosto de Deus, assim será o dia: Em seu carro, Mariana procurará ansiosa uma vaga nas imediações das ruas diagonais à mesma avenida. Em sua expressão haverá sempre um algo de "eu não deveria ter vindo", mas que surpreendentemente concorrerá com um brilho que, em seus olhos, denotará a expectativa do neófito que se lança excitado ao desconhecido. Carro já estacionado, ela se deslumbrará com as mais de 30 mil pessoas distribuídas por cinco quarteirões, a estar ali pelo mesmo objetivo ouvir aquela música – jazz. Já menos ansiosa, mas ainda um tanto inconfortável, logo jazerá em um lounge qualquer, a sentir aquela música, ressentindo-se apenas com não ter convidado uma amiga para desfrutar de tarde tão agradável. "E ao menos haveria alguém para conversar sobre tudo isso, tudo tão novo; e companhia...", pensará. Embebida em pensamentos, buscará bebida. Mari sempre fica mais à vontade com um pileque.

• • •

Ao gosto de Deus, assim será:

— Uma cerveja, por favor; Quanto é? — Zé terá sede de jazz.

— Três reais.

— Moço, me dá uma também? — Mari granjeará o pileque.

— "Olha a promoçãão, uma é três, duas é cincooo..."

— É... Oi. Tudo bem? Então... É que vi você comprando a cerveja também, e, bem, estou sozinha. Bem; quer comprar comigo? É que assim a gente economiza e bebe mais... — arriscar-se-á Mariana, pisando em ovos, de início já arrependida pelo atrevimento tão desconjuntado e alcoólatra.

— Uai... Claro! (...) Assim a gente bebe mais! É... Você gosta de jazz? — E nessa hora Zé se sentirá o cara mais idiota das alterosas, único capaz de perguntar "Você gosta de jazz?" a alguém que está em um festival de jazz.

— Uai... Eu gosto, gosto sim. Bem, acho que gosto, né?... Não conheço muito. Morro de vontade de entender melhor, conhecer as bandas e estilos, mas não sei direito nem começar, para mim é tudo tão novo... Também não tenho muita iniciativa, sabe? Não sou lá uma autodidata... Bem, sou é muito bicho do mato mesmo. Rs. (...) E, ao mesmo tempo, não conheço ninguém que saiba o bastante para me 'aplicar', como dizem. Sabe como é, né, as pessoas têm uma certa resistência... (...) Eu até então ouvi pouca coisa, mas gosto de pensar que este tipo de música, a instrumental e mesmo o jazz quando cantado, acaba por nos fazer alcançar algo que está para além da música em si; é como se fosse a música fosse então o instrumento que nos permite jazer – conhece este verbo? Acho que só eu mesma para usá-lo, rs –, bem, que nos permite parar e, por meio dela, ter acesso a algo que está além... (...) Bem, estou viajando mesmo...

Há esta hora, Zé já não mais ouvirá. Em parte deslumbrado com a beleza da menina, em parte com suas palavras e letras, ele decidirá, mais uma vez, antes mesmo que Mariana termine o seu "morro de vontade de entender melhor...": pisar em ovos. Dessa vez, eles não quebrarão. Até mesmo porque o jazz – assim como a vida – é o inesperado. Ao gosto de Deus.

Ahmad Jamal, por André Tanure

Acidentalmente Jazz

Diogo Henrique Duarte de Parra

Segundo colocado no
1º Prêmio Letras de
Jornalismo Cultural e Literário

Sob a ponte Waterloo, numa tarde em que eu caminhava perdido por Londres, dois mendigos acabavam de acordar. Com elegância e austeridade inesperadas para a situação, ajeitavam suas mantas, os pedaços de papelão que constituíam as camas e alguns pequenos cacarecos de lata e madeira. Ainda que não se comunicassem entre si, estive certo de que eram amigos, já que ocupavam um espaço diminuto entre o par de bancos simetricamente instalados debaixo da ponte. A cena me pareceu extremamente convidativa e me dirigi a eles, com a esperança de que não se incomodassem, caso eu me sentasse por ali. Perceberam-me chegando no exato momento em que, fazendo uso de um único fósforo, auxiliavam-se na tarefa de acender os primeiros cigarros do dia. Cumprimentamo-nos com leves meneios de cabeça, enquanto ambos continuavam com o ritual de organização de seu modesto quarto. Eu não pretendia estorvá-los com qualquer tipo de pergunta. Desejava desfrutar da paz provisória que aquela pequena ilha de resistência parecia me oferecer contra uma cidade que vinha me desgastando tanto. Acho que isso os surpreendeu. Talvez porque estivessem acostumados com as pessoas ou se afastando sem a mínima demora ou se aproximando com alguma intenção muito bem definida, porém nunca apenas para dividir um mesmo espaço. Provavelmente por tal motivo, um deles se mostrou extremamente irrequieto com o passar dos minutos, como se aguardasse uma definição minha. No entanto, eu simplesmente continuava por ali, como se me tivesse juntado a eles. Finalmente, não mais se contendo, veio falar comigo. Disparou-me, sorumbático e ainda desconfiado, que eu tinha cara de alemão. Respondi, sem mais, que era brasileiro. Suas feições se transformaram instantaneamente; entusiasmou-se com a minha nacionalidade e, ato contínuo, passou a falar sobre futebol, Pelé. Tentei brecar esse assunto que não me interessava em nada, perguntando-lhe o nome, mas o "Peter" foi cuspido rapidamente entre duas frases quaisquer sobre o Brasil x Inglaterra na Copa de 1970. Definitivamente, não estava disposto a esse tipo de conversa e apenas me manifestava por meio de interjeições como "yeah" ou "ok". Imagino que ele tenha notado meu desinteresse porque logo percebi que o silêncio havia voltado a reinar entre nós.

• • •

Havia passado algum tempo, durante o qual eu mantivera meus olhos descansando deitados nas águas do Tâmisa, quando me dei conta de que o Peter havia começado a cantar "What a Wonderful World", do Louis Armstrong. Enquanto eu ouvia sua voz encantadoramente gutural, preenchendo trechos esquecidos da letra com um Scat singing[1] digno do próprio Louis, pensei um pouco nesse Jazzman que tanto me fascina ao invadir minha sala, empunhando sua máquina de desfazer realidades: o trompete. Fora em Londres, coincidentemente, enquanto se apresentava no "London Palladium", como parte de uma turnê de três meses pela Inglaterra, que ganhara o apelido de "Satchmo", por conta de uma confusão feita por uma publicação londrina.[2] Transcorria 1932, ano em que Louis finalmente condescendera em apresentar-se no velho continente, onde sua fama se arrastara por conta de músicas como "West End Blues", uma das mais famosas dos primórdios do Jazz, e "Heebie Jeebies", canção que justamente introduzira o Scat ao grande público. De 1925 a 1928, ele comandara seu "Hot Five", primeira formação da qual foi band leader, gravando uma série de outros clássicos; demonstrações primorosas do jazz antigo, cujo berço foi New Orleans, cidade responsável por também abrir as portas do mundo ao próprio Louis, em 04 de agosto de 1901. Nesse período, a fusão entre a tradição européia e a cultura negra local, marcada, evidentemente, por elementos africanos, indicava o surgimento de algo novo e que seria considerada a manifestação artística tipicamente americana. Uma música, nesse momento, caracterizada por pequenos conjuntos que improvisavam ao redor de um pianista, apresentando-se em obscuras casas da zona de meretrício da cidade, e que começou a se espalhar através dos músicos que, subindo o rio Mississipi, levaram sua forma de tocar para cidades como Chicago e Nova Iorque. O jazz estava longe de ser o fenômeno "intelectual" de nossos dias e era, antes de qualquer outra coisa, uma experiência sensorial, que reunia e aproximava. E Satchmo representava como ninguém esse espírito de encontrar-se para o deleite. Uma vez ele disse: "Eu amo meu público e eles me amam, e nós vivemos bons momentos, sempre que eu subo no palco. É um adorável prazer!"[3] Ah!, que sujeito! Um anjo entre homens, ou melhor dizendo, um homem entre os anjos que somos nós[4]. Sempre despencando em tudo com a vaga esperança de respirar aquilo que habita a casa dos segundos: o inefável. E disso dão mostras a originalidade com que conduzia seu instrumento, a vida que transborda de suas notas e escorre por sua voz. Esse som inigualável e ancestral, que é como se fosse algo picando diretamente nossa pele. E de um pensamento em outro, recordei do que disse o Cortázar, ao tratar do Armstrong em um de seus livros: "Quando Louis canta a ordem estabelecida das coisas pára, não por alguma razão explicável mas somente porque tem que parar enquanto Louis canta"[5]. E não é assim mesmo? Experimente você. Não há como passar incólume à sua voz, não se sentir minimamente tomado por ela, estático diante dela. Normalmente, quando se escreve sobre grandes músicos, artistas em geral, sempre as mesmas coisas são ditas: que fundaram isso ou aquilo, que inauguraram esta ou aquela tendência, que foram um marco, etc., etc. Torço um pouco o nariz para esse tipo de consideração, porque me parece que a arte sempre sai prejudicada quando há tanta contundência no ar, principalmente se a descrição crítica antecipa o contato direto com a obra; marca destes nossos dias em que somente temos o tempo de ir atrás do que nos apontam os dedos de outras pessoas, cuja função é exatamente a de apontar. Afortunadamente, conheci Louis por Louis mesmo. Não fui ouvir algo que alguém me dissera ser maravilhoso, incrível. Devo ter simplesmente encontrado um de seus discos na vasta coleção de meu pai e das rotações da vitrola nasceu um novo mundo diante dos meus ouvidos (muito mais do que apenas maravilhoso ou incrível). Sinto-me, por isso mesmo, ligeiramente envergonhado por não ter resistido à tentação de redigir essa longa matéria, ao contrário de simplesmente escrever em letras garrafais: FAÇA UM FAVOR A SI MESMO E COMPRE UM CD DO LOUIS ARMSTRONG. OUÇA-O, PREFERENCIALMENTE, EM UMA ENSOLARADA MANHÃ DE DOMINGO E SEJA O QUE DEUS QUISER! Porque ainda que eu continue os contando sobre Louis, que acrescente que ele desenvolveu uma maneira própria de tocar o jazz, que teve, e até hoje tem, impacto nos músicos do gênero, que ele compôs dúzias e mais dúzias de standards[6], nada, absolutamente nada, poderá ser comprovado, exceto por aquele que, ele próprio, descubra o poder da voz do Pops[7], de sua serpente dourada também conhecida por trompete. E me calo já.

• • •

Evidentemente, pensar em todas essas coisas fez com que eu me concentrasse absurdamente em ouvir Peter que, para mim e naquele momento, era a própria reencarnação de um dos meus músicos favoritos, o verda-

Christian McBride, por André Tanure

deiro "Senhor Jazz"[8]. Quando ele terminou – e é assim mesmo quando se acaba de ouvir uma música como aquela, que parece nos botar provisoriamente em contato com o que na vida é tão difícil de agarrar – sentimo-nos os dois um pouco mais vazios do que talvez já estivéssemos. Olhamo-nos ternamente. Passados alguns segundos em que permanecemos estáticos lado a lado, perguntei-lhe se ele também achava o mundo um lugar maravilhoso. Ele respondeu-me que não sabia, mas que, de qualquer maneira, era uma bela canção. Sorrindo, e me sentido mais próximo daquele desconhecido do que me sentira durante toda a vida em relação a qualquer outra pessoa, eu concordei. Depois daquilo, eu lhe disse que havia sido um prazer conhecê-lo, mas que tinha de ir trabalhar. Ele disse sentir o mesmo e que, antigamente, também costumava ter de ir trabalhar. Percebi que ele esperava alguma pergunta minha, mas eu realmente tinha de ir embora. Despedi-me dizendo que, quem sabe, eu ainda não o encontraria comandando alguma banda de jazz pelos pubs londrinos. Ele deu uma bela gargalhada borbulhante, como as que Louis costumava distribuir, e respondeu que não seria má idéia.

Notas:

1 Na definição dada por Eric J. Hobsbawm, em sua "História Social do Jazz": "Scat é a improvisação vocal em que as palavras (letras da música) são substituídas por um silabar onomatopaico."

2 A revista "encurtou" um apelido originariamente atribuído a Louis: "Satchelmouth", que se tratava de uma referência ao tamanho de sua boca. Se pararmos para pensar, o apelido é a apropriado: para soprar como ele, só mesmo com espaço de sobra.

3 Tradução livre de "I love my audience and they love me and we just have one good time whenever I get up on the stage. It's such a lovely pleasure."

4 Sobre esse papo de anjos e homens, leia "O Perseguidor", do escritor argentino Julio Cortázar. Nesse conto, Cortázar, grande fã de Jazz, trata especificamente de Charlie Parker. No entanto, entre essa "raça" de músicos, muitas são as semelhanças, o que me permite atribuir a Louis o que Cortázar cunhou originariamente para Parker. Ademais, nas palavras do próprio J.C.: "sempre que falo de jazz me sai uma voz parecida".

5 "A Volta ao Dia em 80 Mundos", Tomo II, pg. 15.

6 Socorrendo-me uma vez mais do livro do Hobsbawm: "Standard Tema originalmente popular que passa a integrar o repertório dos músicos do jazz (The Man I Love, Indiana), ou tema jazzístico que passa a ser um clássico do estilo (Night in Tunisia é um standard do bop)". A última parte é a que se aplica ao Louis, já que muitos de seus "temas" – canções suas – tornaram-se clássicos do Jazz. P.s.: "Night in Tunisia" é uma composição de outro dos feras: Dizzy Gillespie.

7 Mais um de seus apelidos.

8 Duke Ellington ao comentar a morte de Louis Armstrong, ocorrida em 06.07.1971: "Se alguém foi o Senhor Jazz, foi Louis Armstrong (...)". Estiveram em seu funeral, dentre muitos outros, Ella Fitzgerald, Guy Lombardo, Duke Ellington, Dizzy Gillespie, Pearl Bailey, Count Basie, Harry James, Frank Sinatra, Ed Sullivan, Earl Wilson, Alan King, Johnny Carson, David Frost, Merv Griffin, Dick Cavett and Bobby Hackett.

QUEM FAZ O DESIGN DO LETRAS
TAMBÉM FAZ VÍDEO, FOTOGRAFIA,
ILUSTRAÇÃO, ANIMAÇÃO, CONSULTORIA
DE COMUNICAÇÃO, OUTSOURCING
DE CRIAÇÃO E DESIGN PARA WEB.

JUMBO. GRANDES IDÉIAS. WWW.JUMBOPRO.COM.BR [31] 4101 8007 [31] 3567 2705

JUMBO

A reinvenção de uma cidade nas trilhas do jazz

Da Guaicurus à Timbiras, a música mineira se renova, expandindo olhares e horizontes

João Marcos Veiga de Oliveira

Terceiro colocado no
1º Prêmio Letras de
Jornalismo Cultural e Literário

Sob o sol de inverno, o Museu de Artes e Ofícios parece emitir um brilho sutil e amarelado. Para Margareth, no entanto, o fim da tarde pede descanso, e não reflexão. Desde o início da madrugada, ela varreu milhares de garrafas, panfletos e jornais – com assassinatos, jogos e sonhos já envelhecidos – no entorno da Praça da Estação. Mas tudo é feito com uma alegria despojada por Elza, apelido que a gari ganhou pela semelhança com a cantora que seduziu Garrincha. A cada vassourada, o corpo negro e esguio da mulher de 55 anos chama a atenção de quem passa por ali, seja pelas músicas da era de ouro do rádio que a todo o momento evoca ou pelas dezenas de piercings e tatuagens que possui, além das enormes unhas coloridas que escapam à luva.

No ponto oposto, o octogenário José Marcos encerra o expediente de um ritual estabelecido há mais de cinco décadas: clicar aqueles que precisam de uma foto para a carteira de trabalho, para a identidade ou mesmo para recordação. A única diferença é que a máquina lambe-lambe, companheira de toda uma vida, foi trocada há poucos anos por uma digital, acoplada a uma moderna impressora. No mesmo metro quadrado desde a década de cinqüenta, viu passar por ali Hilda Furacão e Cintura Fina. Tem recordação também do boato de que Orson Welles estaria hospedado no Hotel Itatiaia durante a visita que o cineasta americano fez à capital mineira.

A Rui Barbosa já foi chamada de Praça dos Namorados devido ao clima bucólico e romântico que pairava no ar. A partir da década de 70, entretanto, a degeneração, a bandidagem e o descaso do poder público apagaram essa imagem. Só nos últimos seis anos, com a revitalização da área, voltou-se a respirar a velha tranqüilidade por esses cantos. "O papo é bom, mas preciso pegar o ônibus pra Sagrada Família", se despede o fotógrafo, pai de outros dois lambe-lambes que resistem à modernidade preservando o ofício no Parque Municipal. A luz de uma fria sexta-feira se vai, mas a poucos metros dali outra forma de resistência tem início.

Apesar de ser tombado e integrar o conjunto arquitetônico da Praça da Estação, o antigo galpão não dá exatamente a entender que ali dentro uma rica efervescência cultural está sendo fermentada. Mas a idéia, talvez, seja essa mesma. O Espaço 104 foi inaugurado em 2009, 101 anos após o edifício ser construído para abrigar a Companhia Industrial Bello Horizonte. No projeto de restauração, buscou-se preservar e recuperar a estrutura original. Pouco mais de oito horas após o Brasil empatar com Portugal, marcando presença nas fases finais da Copa da África do Sul, quem passa pela grande porta de metal na rua Guaicurus, entre Bahia e avenida dos Andradas, pode ouvir acordes que, assim como toda a estrutura ao redor, travam um diálogo entre passado e presente.

De forma quase hipnótica, My Favorite Things suga o espectador para o fundo do amplo e elegante café. Quatro músicos põem à prova talentos lapidados desde a infância para, naquele momento, alcançar os estados de espírito propostos por John Coltrane. "Comecei a tocar violão na adolescência, como brincadeira junto com futebol e videogame", conta despretensiosamente Magno Alexandre. "Nessa época ouvia muito rock e música brasileira. Foi quando conheci o jazz, Wes Montgomery e Pat Metheny. Aí foi mais divertido que zerar certos joguinhos do Atari. Poder improvisar com os amigos, praticando as escalas e acordes e testando o efeito disso: tudo que um moleque como eu queria." Sempre calmo, o guitarrista mostra domínio total de sua Gibson 175. Mas assim como o mestre Montgomery, se fosse possível definir o som de Magno em uma palavra, ela seria elegância.

Do outro lado, de óculos escuros, decorrência de uma conjuntivite, Enéas Xavier desafia a melhor visão a acompanhar seus solos. O baixista aparece como um dos instrumentistas mais completos da atual safra mineira, competência também comprovada ao teclado e nas composições de dois álbuns autorais. Logo atrás, cada virada e contratempo de uma luxuosa bateria trazem ecos da infância de André Queirós, o Limão. "Felizmente nasci numa casa muito musical, onde se ouvia música todos os dias: clássica, MPB, jazz, dentre outros. Meu pai é engenheiro e trompetista, e sempre ouvi seu trompete, que também foi meu primeiro instrumento aos seis anos de idade. Cresci no meio deste ambiente muito especial, que foi minha primeira escola de música e onde comecei a tocar", recorda Limão.

À frente do grupo, um sax tenor requisitado dentro e fora do país. A sensibilidade de Chico Amaral não fica evidente só enquanto toca, mas também nos silêncios. Quando passa o solo para outro instrumento, o estado de contemplação mostra uma pessoa que tem prazer no que faz, mas, sobretudo, pensa o que faz de forma mais ampla. Chico é um artista atípico. Com trinta anos de carreira, é referência no sopro, mas não se fecha nisso. No início da década de oitenta já se considerava um letrista experiente quando começou a fazer letras para o Skank. Antes disso, o parceiro constante era Afonsinho. Durante mais de cinco anos ficou afastado da música instrumental, momento em que esta passava por um período ruim, segundo o saxofonista.

Sem perder de vista outras formas de desbravar o universo musical, Chico voltou com carga total ao sax, tendo como base a monumental produção jazzística americana. "Minha escola de estudo é o jazz, é onde eu busco informação", explica, para emendar que "ao mesmo tempo a música é uma coisa única." Ele reconhece que, apesar disso e do reconhecimento, "é difícil para o brasileiro tocar jazz". "Lá nos Estados Unidos eles acham mais facilmente os caminhos para uma interpretação e para a harmonia", argumenta. Olhando para cima, como se vislumbrasse algo sagrado, conta: "E foi aí que apareceu a música mineira, como um novo caminho."

Em 1972, Milton Nascimento e Lô Borges empreenderam uma verdadeira revolução musical com o álbum Clube da Esquina. Impressionado com o que ouvira, apenas um ano depois, um dos maiores nomes do jazz americano da época, Wayne Shorter convocou Bituca para a gravação de Native Dancer, um divisor de águas na compreensão dessas canções não como um subproduto dos Beatles com temperos mineiros, mas sim como uma riqueza sonora complexa e estimulante. Angelus, de 1994, também carrega o viés jazzístico de Milton, trazendo nomes do porte de Herbie Hancock, Ron Carter e Pat Matheny. Outros que freqüentaram os palcos de Bituca foram o baixista Stanley Clarke, o baterista Jack Dejohnette e o gaitista Toots Stileman, sem falar na cantora Sarah Vaughan, que dedicou um álbum inteiro ao artista.

Chico acredita, assim como muitos outros de sua geração, que a verdadeira renovação da música brasileira veio com o Clube da Esquina. "A música mineira tem uma estética pronta e propícia a desdobramentos. Eles fizeram uma síntese do rock, erudito, Bossa Nova e regional. É tudo isso, mas ao mesmo tempo não é nada disso. Ela tem cor própria." Limão considera que a música do Clube da Esquina traz para o instrumental uma grande bagagem de altíssima sofisticação e originalidade. Mas quando empunha as baquetas, as fronteiras se dissolvem. "Torna-se tudo um único universo, que é a música mineira. A interpretação para mim não passa por 'jazzística', é simplesmente tocarmos aquela música e a coisa acontece na sua forma natural."

E, naturalmente, do bebop, samba, cool e bossa nova chega-se à música mineira no repertório apresentado no Espaço 104. Novena revela a espiritualidade musical negra traduzida na voz de Milton Nascimento; em Vera Cruz, o ouvinte é conduzido à descoberta de um novo paraíso sonoro; e Francisca é o retrato do equilíbrio da sofisticação harmônica com a beleza nas canções de Toninho Horta. Este, por sinal, concorre com John Coltrane como ídolos de Chico Amaral. "As músicas do Toninho são muito impressionistas e originais, aprendi muito com isso", entrega o saxofonista fã de Pedra da Lua. Canções como essas caem como luva na interpretação de Chico, mas ele lembra que apesar de Nivaldo Ornelas – "referência para mim e para o Cléber Alves" –, o Clube da Esquina compôs basicamente com violão e piano. "O sax foi desenvolvido e muito explorado pelo jazz", lembra. A idéia é incorporá-lo à estética do movimento. "E ele aceita muito bem o sax. A música mineira é um caminho dentro da própria música instrumental brasileira. E é isso que eu tenho buscado."

Apesar do nível musical que paira sobre a apresentação do quarteto Chico Amaral, o quórum é pequeno naquele dia de Copa, o que também colaborou para o esvaziamento da vida noturna da cidade. Por volta da meia-noite, atendendo a um pedido e encerrando a noite, o sax toca as cinco primeiras notas de um dos temas mais caros ao jazz: Round Midnight. "O público ainda não conhece o 104. O espaço tem um potencial tremendo, pela localização e espaço físico. Tenho muito prazer tocando lá, pela simpatia da equipe e por estar num espaço renovado. Dá orgulho poder participar como um cidadão, acima de tudo, quando sabemos que estamos tocando em pleno centro da cidade, o que é raro."

Para Chico Amaral, a música instrumental

avançou nessas três décadas. "Quando grandes nomes estrangeiros tocam aqui eles se sentem em casa." Limão compartilha dessa análise. "É uma cultura que existe há muitas décadas e que faz parte do nosso cotidiano musical e artístico. Vejo público, espaços e projetos cada vez melhores em qualidade e quantidade para a nossa música instrumental." Apesar de considerar que a música que faz conquistou um público fiel, a visão de Magno Alexandre é menos otimista e mais crítica. "Acho que os espaços diminuíram um pouco, mas em compensação são muitos festivais do gênero. Acontece que o músico vive mais do dia-a-dia que do festival, que muitas vezes traz atrações de outros estados e países. Deve ser assim, mas sempre devemos reforçar nosso mercado, fazendo intercâmbio talvez."

Quando criança, Chico Amaral fazia de tudo para assistir a conjuntos como o de Célio Balona, que se apresentavam em boates da cidade. "Foi plantada uma semente", fecundada principalmente pelo Clube da Esquina. "Hoje muitos músicos fazem um desdobramento, juntos e separados, do que foi produzido", analisa. Eles podem ser vistos em formações variadas nas casas que abrigam o jazz e o instrumental em BH, como o Café com Letras e o Chiclete com Guaraná. Mas o principal espaço para o trabalho autoral são os festivais, que têm se consolidado nos últimos anos como importante ferramenta para dar visibilidade a artistas, formar público e promover a troca cultural. "Esses eventos aparecem como uma boa saída para produtores, já que o público é grande e o show já está pago via lei de incentivo", ressalta Chico Amaral.

Essa combinação entre políticas culturais, efervescência musical e sucesso de público fez com que o número de festivais crescesse em todo país na última década, com destaque para a capital mineira. O calendário da cidade traz durante todo o ano eventos como Savassi Festival, Festa da Música, Festival de Música de BH, I Love Jazz, BH Jazz Festival , além do Tudo é Jazz de Ouro Preto e festivais de inverno.

Chico Amaral vê nisso uma saborosa missão. "Tocar num jazz club é mais fácil, no espaço público o músico é posto à prova. Ser confrontado com quem nunca nos ouviu acrescenta muito, amadurece o músico." Limão fez um dos shows de encerramento da última edição da Festa da Música. "No show da Praça do Papa tivemos um grande e caloroso público, o que tornou o show muito emocionante. Mas esta emoção acontece nas mesmas proporções, só que de outra forma, num local fechado, quando todos estão pertinho, e de outra forma quando estamos num teatro, é muito legal. Variam as situações, mas todas são ótimas."

Faltando pouco mais de meia hora para o show de Alexandre Gismonti no Museu de Arte da Pampulha, os 240 ingressos já estão esgotados. Quem passa pelo café vê uma mulher de olhos verdes e sorriso aberto – pela simpatia e serenidade com que lida com problemas, desconfia-se que esteja à frente de tantas produções no meio instrumental que têm o desafio de trazer nomes pouco midiáticos, mas de extremo reconhecimento musical. Rose Pidner é a responsável pela série BH Instrumental, que completa 11 anos, pelo Domingo no Museu e Música no Museu (ambos no MAP) e pela Festa da Música. Rose, que tocou por mais de vinte anos com Hermeto Pascoal, retornou à capital mineira em 1994, depois de morar doze anos na França. Foi de lá que ela trouxe a idéia para esse festival, que vai para sua quinta edição em 2011. Só no primeiro ano, foram 50 shows, quase quinhentos músicos e um público de 100 mil pessoas. E esse nível vem sendo mantido.

"A gente busca descentralizar as apresentações, já que muita coisa fica concentrada na região centro-sul", explica. O show de Toninho Horta no Barreiro, em 2009, corrobora a teoria, mas "a Praça do Papa é a grande vedete do festival". Outro ponto defendido por Rose é incentivar pessoas a conhecerem uma música criativa. O fato de estar num espaço público colabora para isso, já que "muita gente fica intimidada, com medo de ir a um show desses em outros lugares". Segundo a produtora cultural, o critério para a curadoria dos festivais é ser música instrumental de qualidade. "Acho que já temos artistas suficientes, que inspiram as novas gerações", defende. Chico concorda, ele mesmo diz estudar Toninho Ferragutti, Oswaldinho do Acordeon e Armandinho entre um e outro estudo de escalas jazzísticas.

Chico Amaral considera que as grandes cidades fracassaram quanto ao uso dos espaços públicos, principalmente com a ditadura militar, que minou as manifestações culturais, políticas e sociais. Festivais em praças passam a ter a capacidade de mudar a forma como a população utiliza esses locais. Os shows tornam-se pontos de encontro de amigos, a cidade ganha vida. Para Magno, que já tocou em eventos até mesmo debaixo do Viaduto de Santa Tereza, "a rua é mais democrática. Devemos aproveitar que moramos num país tropical".

Chico Amaral acredita que a música tem grande poder educativo e que deve ser entendida como tal, "pelo poder de comunicação que possui". Para o músico, isso deve ser visto como uma responsabilidade, mas "ao mesmo tempo nós não somos sociólogos nem políticos". Nesse sentido, ele prefere enxergar o "artista como antena da raça", na definição de Esza Pound. No palco, Limão também segue a intuição. "Aprendi desde pequeno a cultivar minha verdade com a vida e a música, pois assim cultivamos a felicidade naturalmente." E para Magno Alexandre, "com os músicos locais fazendo trabalho autoral, o publico cada vez mais se identificará e participará dessa troca positiva". Troca que acontece em diferentes pontos da capital mineira.

A iluminação no quarteirão é fraca, a calçada um pouco suja e o ponto não é dos mais turísticos na capital mineira, contando apenas com um carrinho de cachorro quente. Mas na Timbiras, outra das onze ruas com nomes de índio na capital mineira, diversas tribos fazem fila para aclamar duas sumidades da música instrumental – assim como em recônditos do jazz novaiorquino. O Conservatório bar foi inaugurado há oito anos, como forma de dar um lugar "para os órfãos do Aquió", relembra o proprietário Guilherme Campos.

Há seis anos ele criou a Campanha de Popularização do Jazz, a entrada era gratuita. Para a bateria convidou um ídolo, Esdra "Nenem" Ferreira, e para o baixo e guitarra, um dos grandes talentos do instrumental mineiro a dar as caras na década de oitenta: Beto Lopes. "No começo vinham duas pessoas assistir. Era uma forma de resistência. Depois rapidamente virou isso", aponta Guilherme, que também ressalta a proximidade de artista e platéia como um diferencial. "Isso" são dezenas de jovens vidrados nos solos de Beto e na agilidade, precisão e carisma do baterista. O dia, seis de julho, é aniversário de Nenem. Quem ganha é a platéia, que vê a música mineira ser recriada no palco para, em seguida, reinventar as ruas da cidade.

Nivaldo Ornelas, por André Tanure

Quando o Jazz encontra a música nordestina

DIVULGAÇÃO

Clay Ross e a Matuto Church Street Blues: mistura de Jazz com ritmos nordestinos

Americanos descobriram nos ritmos nordestinos novas possibilidades musicais e um convite à própria reinvenção

Victor de Almeida

Quarto colocado no
1º Prêmio Letras de
Jornalismo Cultural e Literário

Pode parecer distante, mas o Jazz possui semelhanças com a música produzida no nordeste brasileiro. A liberdade criativa e de improvisação do gênero musical de New Orleans tem terreno fértil na, ainda pouco experimentada, música popular nordestina.

Os ritmos tradicionais que já foram incorporados pelo rock nacional em outros momentos, foram absorvidos por uma dupla de norte-americanos que iniciaram projetos que aproximaram as culturas dos rios Capibaribe e Mississipi.

Clay Ross e Scott Kettner têm formação de músicos, ambos estudaram Jazz em universidades de Nova Iorque, mas foi através da cultura popular do nordeste brasileiro que eles descobriram como inovar e descobrir novos caminhos para seus trabalhos. Os dois, cada um à sua maneira, se aproximaram de ritmos como Forró, Coco, Embolada e Maracatu.

Ross e Kettner montaram o primeiro trabalho juntos e começaram a misturar a música brasileira, sobretudo nordestina, com o Jazz que ambos estudaram e costumavam tocar. Surgia o Agora Quartet, grupo de Jazz "brasileiro" formado no Brooklin.

Influenciados por músicos tupiniquins, como o multi-instrumentista Hermeto Pascoal e o percussionista Cyro Baptista, e por jazzistas como Miles Davis, John Coltrane e Dizzy Gillespie, Clay Ross, Scott Kettner, Nate Shaw e Solomon Dorsey descobririam uma fonte de inspiração e de renovação para seus trabalhos.

"Eu sinto que essa fusão que nós fazemos, e que outros também fazem, irá expor a música popular brasileira e americana a muitas pessoas que ainda não conhecem. Existe muita coisa feita por nossos ancestrais que pode ser aplicada no século 21", acredita Scott Kettner.

Após a separação do Agora Quartet, Clay Ross, que já tinha uma carreira solo dedicada ao Jazz, lançou o seu terceiro disco, curiosamente chamado de "Matuto". Enquanto isso, Scott Kettner fundou uma banda, Nation Beat, e lançou dois álbuns, "Maracatu Universal" e "Legends of the preacher".

Nessa via de mão dupla, onde se funde modernidade com cultura popular, a música nordestina só tem a ganhar com essas releituras e novas possibilidades, o que a faz soar cada vez mais universal. Cada vez mais "for all".

"É como se fosse algo familiar e novo ao mesmo tempo..."

Curioso como dois músicos norte-americanos chegaram a conhecer o trabalho de artistas como Luiz Gonzaga, Cila do Coco e Mestre Ambrósio. A música popular nordestina é conhecida por estar sempre ligada às raízes e pouco foi experimentada, quase nunca dialogando com outros gêneros. Clay Ross e Scott Kettner, de maneiras diferentes, acharam, no Nordeste, um local ideal para reinvenção de estilos tradicionais brasileiros e norte-americanos.

Scott Kettner começou a tocar bateria aos oito anos em bandas de Rock e Country, em uma pequena cidade na Flórida. Cresceu ouvindo, influenciado pela família, grandes nomes da música folclórica americana. "Meus parentes eram grandes fãs de Bob Dylan, Willie Nelson, Bruce Springsteen e Hank Williams. Eu nunca gostei desse tipo de música até eu ficar mais velho, mas essa música esteve tão presente que, hoje eu digo, causou um grande impacto na minha vida", lembra Kettner.

Após mudança para Nova Iorque, Kettner começou a estudar Jazz na New School University, em 1998. E pelo seu professor de Bateria, Billy Hart, renomado baterista de Jazz, foi introduzido à Bossa Nova e ao Samba. Interessado pelos ritmos brasileiros, Kettner perguntou a Hart se existiria algum outro ritmo que ele deveria conhecer. "Ele falou sobre Maracatu. Ele não sabia muita coisa sobre, mas sabia que, para mim, era importante conhecer", diz.

Então após a graduação, em 2001, Kettner arrumou as malas e partiu para uma viagem ao Brasil, onde conheceria o Maracatu.

Clay Ross, por sua vez, ganhou a primeira guitarra quando tinha 10 anos, e tocou em bandas de Heavy Metal até conhecer o Jazz. Em 2002, quando se mudou para Nova Iorque, Ross começou a tocar com um acordeonista espanhol, que conhecia muito sobre a música latino-americana. "Ele tinha muita influência da música latina. Tangos, música cubana e Chorinhos. Essa foi minha primeira experiência com a música latino-americana e eu realmente me apaixonei pelo Choro brasileiro", relembra.

Com isso, Ross decidiu buscar músicos em Nova Iorque para tocar música do Brasil, foi aí que acabou conhecendo Scott Kettner e Cyro Baptista, percussionista brasileiro famoso por experimentações com instrumentos de percussão e pelo seu projeto Beat the Donkey.

"Eu formei com o Scott o Agora Quartet. Juntos, nós ganhamos uma audição no Lincoln Center e recebemos o título de Embaixadores do Jazz pelo governo dos Estados Unidos. Por dois meses, fizemos turnê pela Europa. Durante essa turnê, fui aprendendo com Scott algo sobre música do nordeste brasileiro. Nesse meio tempo, fui convidado para entrar no grupo do Cyro Baptista. Com a Beat the Donkey, fiz turnê pelos Estados Unidos e Europa. Foi uma grande oportunidade para tocar regularmente música brasileira e aprender com um mestre", diz Ross.

A Beat the Donkey (tradução de Baptista para a expressão "pau na mula") é uma banda que faz releituras da música nordestina em um formato mais contemporâneo utilizando recursos eletrônicos, efeitos, dialogando com diferentes gêneros musicais e novas possibilidades rítmicas, a partir dos

DIVULGAÇÃO

Scott Kettner (à esquerda) e Clay Ross (à direita) formaram o Agora Quartet, grupo misturava música brasileira com Jazz

DIVULGAÇÃO

Clay Ross após workshop com alunos de escola de Recife

DIVULGAÇÃO

Banda Nation Beat conta com dois brasileiros na sua formação: Liliana Araújo e Eduardo Guedes

instrumentos percussivos criados pelo próprio Baptista. Esse foi o primeiro grande contato de Ross com a música nordestina.

"A música do Nordeste brasileiro ressoa em mim. É como se fosse algo familiar e novo ao mesmo tempo", conta Ross.

A união dos rios Mississipi e Capibaribe

Durante sua passagem pelo Brasil, Scott Kettner, em Recife, conheceu Jorge Martins mestre do grupo de Maracatu Estrela Brilhante. Jorge foi tutor de Kettner todo o tempo que ele ficou na cidade. "Enquanto aprendia Maracatu com Jorge, nós percebemos uma forte ligação entre a cultura de Pernambuco e a cultura do Sul dos Estados Unidos. Nós percebemos que a música de Nova Orleans e de Recife tinha muito em comum. Nós começamos a conceber um projeto que unisse os rios Mississipi e Capibaribe", conta Kettner. Nasceu aí a idéia de montar a Nation Beat.

Clay Ross, ao regressar da turnê com Cyro Baptista e ao pesquisar mais sobre a música nordestina, decidiu iniciar o projeto que daria origem ao disco "Matuto". O guitarrista já tinha um trabalho solo de boa repercussão, já havia lançado dois álbuns, "Mikey Baker Project" (2001), trabalho que mesclava Funk, música eletrônica e Rock ao Jazz, e "The Random Puller" (2004), disco que já mostrava uma tímida influencia da música brasileira.

"Eu tive a idéia depois de ouvir uma música do Hermeto Pascoal chamada 'Voa Ilza'. A melodia da música soa como algo que você ouviria na cordilheira dos Apalaches, mas o ritmo é bem brasileiro. Eu e meus amigos começamos a chamar isso de 'Bluegrass do Brasil' e começamos a construir nosso som ao redor desse conceito", explica.

Mesmo com o fim do Agora Quartet, os dois músicos continuam trabalhando juntos. Scott Kettner tocou percussão durante as gravações de "Matuto", e Clay Ross, além de excursionar com a Nation Beat, participou das sessões de gravação de "Legends of the Preacher".

Hoje, a Nation Beat conta com, além de Kettner na bateria e percussão, Skye Steele no violino e rabeca, Raphael McGregor na guitarra e lap steel, Mike Lavalle no baixo, e com os brasileiros Eduardo Guedes na percussão, e Liliana Araújo no vocal. Liliana é uma ex-participante do programa "Fama", da Rede Globo, e foi descoberta por Kettner em Recife durante as gravações de "Maracatu Universal".

Por sua vez, a banda de Clay Ross, que recebe o nome de Matuto Church Street Blues, é formada por Rob Curto no acordeom, Edward Perez no baixo, Richie Barsay na bateria e, o brasileiro, Cláudio Santana na percussão.

Entre a modernidade e a tradição

Com um som que mistura modernidade e tradição, Clay Ross e a Nation Beat, passeiam por diversos circuitos. Clay Ross, por exemplo, faz shows tanto nos festivais de música Folk americana, como no The American Folk Festival, de World Music, Musicas do Mundo em Portugal, e ainda figura no cenário do Jazz.

No Brasil, a Nation Beat se apresentou em 2005 durante o Festival Porto Musical. A apresentação foi marcada pela participação especial do tutor de Kettner, Jorge Martins, e do grupo de Maracatu Estrela Brilhante. Clay Ross também já trouxe seu som para o país, em 2009, o músico e sua banda participaram do Garanhuns Jazz Festival e do Recbeat, evento realizado durante o carnaval de Recife, no Paço Alfândega.

Além da música, Clay Ross e Scott Kettner também possuem trabalhos educativos. Depois da turnê pela Europa como embaixadores do Jazz, os dois desenvolveram trabalhos em linhas diferentes para passar adiante, principalmente para os mais jovens, o aprendizado que obtiveram ao longo da carreira.

Clay Ross tem um trabalho de workshops, onde ensina sobre ritmos nordestinos e americanos. Durante a vinda para o Brasil, em passagem pelo carnaval de Recife, Ross ministrou um mini-curso para jovens da Escola de Ensino Médio Cícero Dias. Durante o curso, foram mostrados pontos comuns da cultura do Brasil e dos Estados Unidos.

"A música nordestina me influenciou muito nestes últimos anos. Desde que eu descobri o Forró, o Maracatu, o Coco e outros ritmos, eu descobri muitas similaridades com a música de raiz norte-americana. Quando tive a oportunidade de dividir esse conhecimento com estudantes em Recife foi muito bom. Nós percebemos que muitos dos estudantes já conheciam algo sobre Blues ou Jazz. Somando isso ao nosso conhecimento prévio da música brasileira, foi fácil criar pontes entre as culturas", diz.

Por sua vez, Scott Kettner montou o grupo Maracatu New York que, hoje, é um ponto de referência e de intercâmbio cultural Brasil-Estados Unidos. O grupo foi montado assim que Kettner regressou de Recife e oferece aulas sobre o ritmo e a cultura do Maracatu.

"O grupo começou com workshops semanais e um programa de intercâmbio cultural. Em 2005 consegui trazer 15 estudantes para o carnaval em Recife. Depois dessa viagem, meus estudantes estavam tocando tão bem que eu não poderia ensiná-los mais. Eu decidi iniciar um trabalho profissional com eles. Atualmente, nós temos uma escola que convida músicos brasileiros para ensinar. E ainda fazemos performances em grupo", explicou Kettner.

A gíria nordestina e as lendas do pregador

Em quase todas as entrevistas que concede, Clay Ross tem que explicar uma coisa: o nome do disco. Segundo ele próprio, "Matuto é uma gíria do nordeste brasileiro para designar uma pessoa que nasceu ou que vive no interior". Explicar o significado da palavra é muito mais fácil do que explicar o disco.

Mas, "Matuto" traz 11 faixas, sete delas compostas por Ross e quatro releituras de clássicos do Folk norte-americano. Na faixa de abertura, Recife, Ross mistura elementos rítmicos do Forró com o Country e o Jazz norte-americano. Solos e improvisos de guitarra, violino e flauta se revezam sobre o ritmo do baião. Outra que chama a atenção é Zydaco Mondo, música que une a sofisticação do Jazz com a simplicidade dos ritmos nordestinos.

Do outro lado, Scott Kettner e a sua Nation Beat lançaram "Legends of the preacher". Talvez a iniciativa da banda seja uma atitude semelhante à de Chico Science anos atrás. Quando Chico se influenciou em ritmos regionais, principalmente do Maracatu, e foi buscar ressonâncias em ritmos estrangeiros para dar vida à Nação Zumbi, mal sabia ele que mais tarde, um americano viria buscar no mesmo Maracatu influências para outra inovação.

Nisso as duas nações (Zumbi e Beat) parecem ter muito em comum, quando Kettner veio buscar in loco conhecimento sobre a cultura do Maracatu, também trouxe consigo sua musicalidade americana.

Uma coisa que merece atenção em "Legends of the preacher" é a participação da banda The Klezmatics, ganhadores do Grammy de 2007, nas faixas "Maré Cheia", "Ver es Hot" e "The Preacher", quando são acrescentados ao caldeirão de influências da Nation Beat, alguns elementos da música judia.

No meio disso tudo, é possível perceber a veia jazzística de Kettner e Ross, que parecem lembrar um pouco o tempo do Agora Quartet. O primeiro, arranjando a parte rítmica de maneira pulsante, confirmando o conselho do professor Billy Hart, e o segundo, solando sua guitarra sobre a marcha do Maracatu nas faixas "A Cowboy in Brazil" e em "Nago Nago".

"O Jazz é definitivamente o centro da minha musicalidade. Para mim, a palavra Jazz é muito viva. Ela muda o tempo todo. Eu entendo que ser um músico de Jazz é tentar ser o melhor possível. Quando improviso eu quero estar livre, mas ao mesmo tempo, sob controle. É também ter a cabeça aberta. Eu quero estar livre para conhecer influências diferentes, digeri-las e fazer delas parte da minha expressão", comenta Ross.

"A coisa que mais me chamou a atenção, quando estive no Brasil pela primeira vez, foi o jeito com que a música unia o povo. Pessoas de todos os lugares dançando a sua música. Dizzy Gillespie e Louis Armstrong são os músicos de Jazz que eu mais gosto. Eles faziam as pessoas dançarem e rirem. E quando cheguei ao Brasil notei que lá a música fazia o povo dançar e rir do mesmo jeito que o Jazz antigamente fazia. Muita energia e emoção envolvidas. Foi justamente esse sentimento de celebração que me atraiu mais", finaliza Kettner.

Mais do que palavras

Marcelo Santiago

Quinto colocado no
1º Prêmio Letras de
Jornalismo Cultural e Literário

Música política para Maradona cantar. Treinando pra ser chuva. Receita de pudim de leite condensado. As frases que você acaba de ler não são frutos de uma dislexia não tratada, mas sim títulos de músicas de artistas da efervescente cena instrumental brasileira. Apesar de uma visível disparidade, todas têm em comum o fato de serem os únicos pontos de indicação para possíveis interpretações do ouvinte.

Dentro de um ambiente tão abstrato quanto a música instrumental, são poucas as "dicas" que direcionam o ouvinte em um determinado rumo na construção de sentido. Essa é uma das principais características da música instrumental: a liberdade, tanto de quem a produz como de quem a escuta. O que dizer, então, do jazz, marcado pela improvisação e caminhos não-lineares?

"São emoções, sensações, imagens mentais que se transformam em música como forma de expressão. Realmente, tem um forte caráter sinestésico", me responde o trumpetista paulista Guilherme Mendonça, mais conhecido como Guizado, ao tentar explicar o processo de nomenclatura de suas canções (no caso, da faixa intitulada "Vermelho"). Utilizando o nome Guizado em seu projeto musical (no qual, além do trumpete, também é responsável pelas programações eletrônicas e sintetizadores), Guilherme lançou, em 2008, o álbum Punx, presença constante na lista de melhores lançamentos daquele ano mesclando eletrônica de vanguarda, jazz e rock experimental. Agora, acaba de lançar seu segundo trabalho, Calavera, liberado para download no projeto Álbum Virtual, da gravadora Trama, que remunera os artistas para que disponibilizem suas músicas gratuitamente ao público.

Guizado

Guilherme Granado, do Hurtmold

Em Calavera, Guizado não abriu mão das palavras e inseriu vocais em algumas canções. O diferencial é que não se tratam de letras que esclarecem, mas que criam novas possibilidades de interpretação, além de permitir que os vocais atuem como importantes instrumentos melódicos responsáveis por novas camadas na diversificada massa sonora do artista (que dessa vez inclui, além dos já citados jazz, rock e eletrônica, ritmos como afrobeat, soul e até frevo).

Tida como uma das principais expoentes do pós-rock no Brasil, a mítica e mutante banda belorizontina Constantina mantém relação semelhante a de Guizado com suas obras. "(Nosso trabalho) é apenas o ponto de partida, cada pessoa que ouve a música constrói uma história própria", conta o guitarrista Bruno Nunes, que ao lado dos irmãos Daniel e Leonardo, fundou o Constantina em 2003 junto de outros amigos. Bruno, Daniel e o multiinstrumentista André Veloso, aliás, são os únicos membros que se mantiveram em todas as formações da banda, que já foi quarteto, quinteto, sexteto e agora é um septeto, contando, pela primeira vez, com trumpete e percussão como elementos constantes em suas obras.

Apesar de criar títulos inspirados para suas melancólicas e detalhadas canções instrumentais, como "Treinando pra ser chuva" e "Ela já atravessou todos os oceanos do mundo", a banda às vezes opta por sequer nomear suas músicas. A pessoa que se arrisca a entrar em contato com essas obras é apresentada sem instruções ou introduções diretamente a um material altamente inspirado e que dependerá do próprio ouvinte e suas referências, gostos e, porque não, estado de espírito, para se transformar mentalmente em uma experiência única.

Da mesma forma age o multiinstrumentista paulista Maurício Takara, que responde por M Takara em seu projeto solo e é baterista das bandas Hurtmold e São Paulo Underground, nomes cruciais da música experimental/instrumental brasileira. Assim como Takara, músicos e grupos instrumentais contemporâneos como Ruído/mm (de Curitiba/PR), Burro Morto (de João Pessoa/PB), A Banda de Joseph Tourton (de Recife/PE), Fóssil (de Fortaleza/Ceará), 4instrumental (Sabará/MG), Iconili (BH/MG) e Macaco Bong (Cuiabá/MT), atuantes na chamada "cena musical independente", têm em comum o desejo pela experimentação, pela extrapolação de limites entre orgânico e eletrônico e pela influência jazzística que, se em alguns momentos não é manifestada sonoramente, permanece nas intricadas estruturas de composição e na liberdade de execução de suas obras.

O que tem se percebido ao longo dos últimos anos é a consolidação e ampliação de uma cena instrumental formada essencialmente por jovens músicos influenciados por diferentes estilos e que optaram por se expressar além das palavras. É interessante perceber que na década de 90 a grande maioria das bandas alternativas brasileiras compunha em inglês, consequência das bandas estrangeiras que as influenciavam, uma língua não dominada pela população brasileira. Nos anos 2000, tendo como marco histórico o lançamento do álbum O Bloco do Eu Sozinho, do Los Hermanos (um dos primeiros CDs a romper com as barreiras entre indie e mainstream no Brasil e permitir que seus autores seguissem uma carreira de sucesso, respeitada tanto pela crítica como pelo público), uma nova safra de bandas cantando em português surgiu, resultando em boas propostas como as dos pernambucanos do Mombojó, dos gaúchos da Bidê ou Balde e dos mineiros Monno e Transmissor. Em 20 anos, o inglês perdeu sua hegemonia na música independente, composições de bandas alternativas em português passaram a ganhar maior destaque e agora, pela primeira vez na história, jovens bandas instrumentais com forte ligação com o rock formam um grupo sólido, de qualidade estética e conceitual, expressando-se com todas as suas idiossincrasias e fazendo uso de uma linguagem universal: a música.

Olhos e ouvidos mais atentos já perceberam isso, não apenas no Brasil como também no exterior. A banda cuiabana Macaco Bong já se apresentou em importantes festivais no Canadá e na Espanha, ao lado de artistas renomados internacionalmente; Maurício Takara se apresentou no hypado festival norteamericano SXSW - South by Southwest; A Banda de Joseph Tourton teve uma de suas músicas utilizada em uma campanha publicitária internacional (em um momento em que todas as músicas da banda haviam sido gravadas em um quarto, com um único microfone!); selos internacionais se interessam cada vez mais por esses grupos... são vários os indícios de que este, realmente, é um momento especial para a música instrumental nacional.

O caso de Thomas Liech, do blog alemão blogparte.de, é elucidativo. Nascido no Brasil e criado na Alemanha, toda a produção cultural brasileira com a qual Thomas tem contato, com exceção de Cidade de Deus e Cansei de Ser Sexy, é antiga. Não há presença das manifestações artísticas brasileiras contemporâneas em sua vida. Essa situação se alterou justamente através de novas bandas instrumentais brasileiras (no caso, Constantina, Guizado, Macaco Bong e Hurtmold) que ele conheceu pela internet e cuja identificação foi instantânea. São bandas de diferentes Estados brasileiros e que, sem recorrer a cacoetes regionalistas ou sequer ao idioma, tiveram o poder de fazer com que Thomas se sentisse mais próximo do Brasil do que nunca.

Para entender (parte d´) o atual momento da música independente instrumental brasileira e seus novos artistas, escute:
Mestro (2006), do Hurtmold
Artista Igual Pedreiro (2008), do Macaco Bong
Calavera (2010) e Punx (2008), de Guizado
¡Hola amigos...! (2008), do Constantina
Varadouro (2008), do Burro Morto
Praia (2008), do Ruído/mm

SAVASSI FESTIVAL 2010

jazz+lounge

28 DE JULHO, 4ª FEIRA

NOITE DE ABERTURA NO PALÁCIO DAS ARTES

20h00-21h00

LEONARDO CIOGLIA QUINTETO (BRA/EUA)

apresenta "Música de Mineiros"

Leonardo Cioglia (contrabaixo), John Ellis (saxofone), Mike Moreno (guitarra), Gabriel Grossi (gaita), Rafael Barata (bateria)

21h30-22h30

VANA GIERIG GROUP & PAQUITO D'RIVERA (EUA/CUBA)

Paquito D'Rivera (saxofone/clarinete), Vana (piano), Marcello Pellitteri (bateria), Sean Conly (contrabaixo), Vinícius Barros (percussão)

DE 28 A 31 DE JULHO

HERMES PARDINI JAZZ CLUBE

SÁ E PIMENTA

Aeroporto de Confins. Rodovia MG 0800, KM 7,9.
Informações: (31) 3689-2700. Entrada Franca.

27/07, 3ª feira, 18h00-20h00 | TOCAIANGÁ
Walner Lucas (piano), William Serra (violão/ guitarra), Bruno Zattar (percussão), Eduardo Moreira (contrabaixo), Johnny Herno (percussão)
28/07, 4ª feira, 18h00-20h00 | DUDU BRAGA
Dudu Braga (cavaquinho), Luisinho Horta (contrabaixo), Fabinho Oliveira (guitarra), Ramon Braga (bateria)
29/07, 5ª feira, 18h00-20h00 | JAZZ'N'COFFEE
Néstor Lombida (piano), Yan Vasconcellos (contrabaixo), Márcio Durães (vocal), Bo Hilbert (bateria)

SHOPPING 5A AVENIDA

Rua Alagoas, 1314, Savassi.
Informações: (31) 3281-0033. Entrada Franca.

29/07, 5ª feira, 18h00-19h50 | NOVA DIXIE BAND
Cecília Barreto (banjo), Zegeraldo (trompete), Harrison Ribeiro (saxofone), Cláudio Simões (clarinete), Antônio Coelho (violão), Aluízio Brant (bateria), Hélio Pereira (trombone), Yan Vasconcellos (contrabaixo)
30/07, 6ª feira, 18h00-19h50 | JIMMY DUCHOWNY BAND (EUA/BRA)
Jimmy Duchowny (bateria), Mark Lambert (guitarra/ voz), Vana (piano), Jefferson Lescowich (contrabaixo)
31/07, sábado, 12h00-13h50 | BIG BAND PALÁCIO DAS ARTES
Maestro Néstor Lombida (regência); Aline Parreira, Rúbia V. M. Santos (flautas); Flávia Pimenta Alves, Luis Fernando Umbelino da Silva, Raynan Miranda, Wiver Machado (clarinetes); Emiliano Bolla, Ana Carolina Estrela, Moisés A. Oliveira, Raphael V. Ribeiro, Breno Mendonça (saxofones); Natália Coimbra, João Gabriel Machala, Alisson Simplício, Warley da Costa, André Pastore (trombones); José Geraldo, Ana Cecília Soares, Daniel F. de Souza, Ismael Pereira (trompetes); Frederico Natalino, Luisa Camargo (piano); Daniel Silveira, Bo Hilbert (bateria); Tarcísio Braga (percussão); Felipe Guerzoni (guitarra); Frederico Moraes, Thiago Ribeiro (contrabaixo)

PÁTIO SAVASSI

Av. do Contorno, 6061, Savassi.
Informações: (31) 3263-8500. Entrada Franca.

29/07, 5ª feira, 20h00-21h15 | JUAREZ MACIEL E OS JAZZIDAS
Juarez Maciel (piano), Ezequiel Lima (contrabaixo), Marco Daniel (trompete/ flugelhorn), Alaécio Martins (trombone), Eduardo Campos (bateria)
30/07, 6ª feira, 20h00-21h15 | JAIRO DE LARA QUARTETO
Jairo de Lara (sax/flauta), Renato Saldanha (guitarra/ violão), Vagner Faria (contrabaixo), Evaldo Ilzo (bateria), Pedro Campos (percussão)
31/07, sábado, 20h00-21h15 | GRUPO RAMO
Rafael Martini (piano), Frederico Heliodoro (contrabaixo), Daniel Pantoja (flauta), Antonio Loureiro (bateria), Felipe José (violoncelo/violão)

MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

Praça da Estação, s/n, Centro.
Informações: (31) 3248-8600. Entrada Franca.

29/07, 5ª feira, 21h00-22h15 | ALMA THOMAS QUARTET (EUA/BRA)
Alma Thomas (voz), Jimmy Duchowny (bateria), Jefferson Lescowich (contrabaixo), Mark Lambert (guitarra/voz)
30/07, 6ª feira, 21h00-22h15 | FREDERICO HELIODORO QUINTETO
Frederico Heliodoro (contrabaixo), Rafael Martini (piano), Felipe Continentino (bateria), Breno Mendonça (saxofone), Matheus Barbosa (guitarra)

TEATRO DOM SILVÉRIO

Av. Nossa Senhora do Carmo, 230, Savassi.
Informações: (31) 2191-5700. Ingressos: R$20,00 (inteira) / R$10,00 (meia).

29/07, 5ª feira, 21h00h-22h15 | BENJAMIM TAUBKIN TRIO (SP)
BenjamimTaubkin (piano), Frederico Heliodoro (contrabaixo), Antonio Loureiro (bateria)
30/07, 6ª feira, 21h00-22h15 | DO MISSISSIPI AO SÃO FRANCISCO, COM RODICA BLUES & SÉRGIO PERERÊ (EUA/BRA) - CONVIDADA ESPECIAL TITANE
Rodica Blues (voz), Sérgio Pererê (voz), Titane (Voz), Leandro Ferrari (Gaita), Felipe Fantoni (contrabaixo), Serginho Silva (percussão), Beto Lopes (guitarra/ violão)
31/07, Sábado, 21h00-22h15 | JOHN ELLIS QUARTET (EUA)
John Ellis (saxofone), Leonardo Cioglia (contrabaixo), Mike Moreno (guitarra), Rafael Barata (bateria)

CAFÉ COM LETRAS

Rua Antônio de Albuquerque, 781, Savassi.
Reservas e informações: (31) 3225-9973. Couvert: R$12,00.

29/07, 5ª feira, 20h00-21h15 | YURI POPOFF
Yuri Popoff (contrabaixo/violão), Márcio Bahia (bateria), Lena Hortas (flauta), Daniela Rennó (vibrafone)
30/07, 6ª feira, 20h00-21h15 | ALBERTO CONTINENTINO E BERNARDO BOSISIO (RJ)
Alberto Continentino (contrabaixo), Bernardo Bosisio (guitarra), Renato "Massa" Calmon (bateria), André "Limão" Queiroz (percussão)
31/07, sáb., 20h00-21h15 | GABRIEL GROSSI QUARTETO (RJ)
Gabriel Grossi (harmônica), Beto Lopes (violão/ guitarra), Enéias Xavier (contrabaixo), Neném (bateria)

DE 28 A 31 DE JULHO

HERMES PARDINI JAZZ CLUBE

CHICLETES COM GUARANÁ

Rua Alvarenga Peixoto, 388, Lourdes.
Reservas e informações: (31) 2512-6252. Couvert: R$ 30,00.

27/07, 5ª feira, 21h00-23h00 | CLIFF KORMAN (EUA)
Cliff Korman (piano), Rafael Barata (bateria), Sergio Barrozo (contrabaixo)
30/07, 6ª feira, 21h00-23h00 | MIKE MORENO QUARTET (USA)
Mike Moreno (guitarra), Leonardo Cioglia (contrabaixo), John Ellis (saxofone), Rafael Barata (bateria)
31/07, sábado, 21h00-23h00 | ULL MOECK TRIO (ALE)
Thomas Rotter (contrabaixo), Ull Moeck (piano), André "Limão" Queiroz (bateria)

CONSERVATÓRIO MUSIC BAR

Rua Timbiras, 2041, Lourdes.
Informações: (31) 3213-8375. Couvert: R$15,00.

31/07, sábado, 00h00-01h15 | JARED GOLD (EUA)
Jared Gold (órgão Hammond B3), Dave Stryker (guitarra), Jimmy Duchowny (bateria)

STUDIO BAR

Rua Guajajaras, 842, Centro.
Reservas e informações: (31) 9731-3356.
Couvert: R$20,00 masc / R$15,00 fem.

31/07, sábado, 00h00-01h15
DJ Garrell
ICONILI
André Orandi (órgão, sax, clarinete), Victor Magalhães (trompete, contrabaixo, metalofone) Gustavo Cunha (guitarra, flauta), Branco (guitarra, theremin), Pedro de Filippis (bateria, percussão)
01h30-02h45 | DIBIGODE
Geraldão (bateria), Big (saxofone, flauta, teclado, percussão), Bil (guitarra, teclado, percussão), Melão (contrabaixo, gaita), Preah (guitarra, gaita)

OUTONO 81

Rua Outono, 81, Carmo.
Reservas e informações: (31) 3227-3009. Couvert: R$ 15,00.

29/07, 5ª feira, 21h00-22h15 | JUAREZ MOREIRA INTERPRETA BALADAS DOS BEATLES
Juarez Moreira (violão/guitarra), Neném (bateria), Kiko Mitre (contrabaixo), Cléber Alves (saxofone)

THE ART FROM MARS

Rua Rio de Janeiro, 1930, Lourdes.
Informações: (31) 3337-9116. Couvert: R$30,00.

LOUNGE & DEEP-HOUSE
29/07, 5ª feira
19h00-21h00: DJ Louis
21h00-23h00: DJ Bittencourt
23h00-01h00: DJ Leo Mille

30/07, 6ª feira
19h00-21h00: DJ Leo Mille
21h00-23h00: DJ Joca-San (RJ)
23h00-01h00: DJ Menorah

31/07, sábado
19h00-21h00: DJ Leo Mille
21h00-23h00: DJ Angelo Martorell (GO)
23h00-01h00: DJ Neto

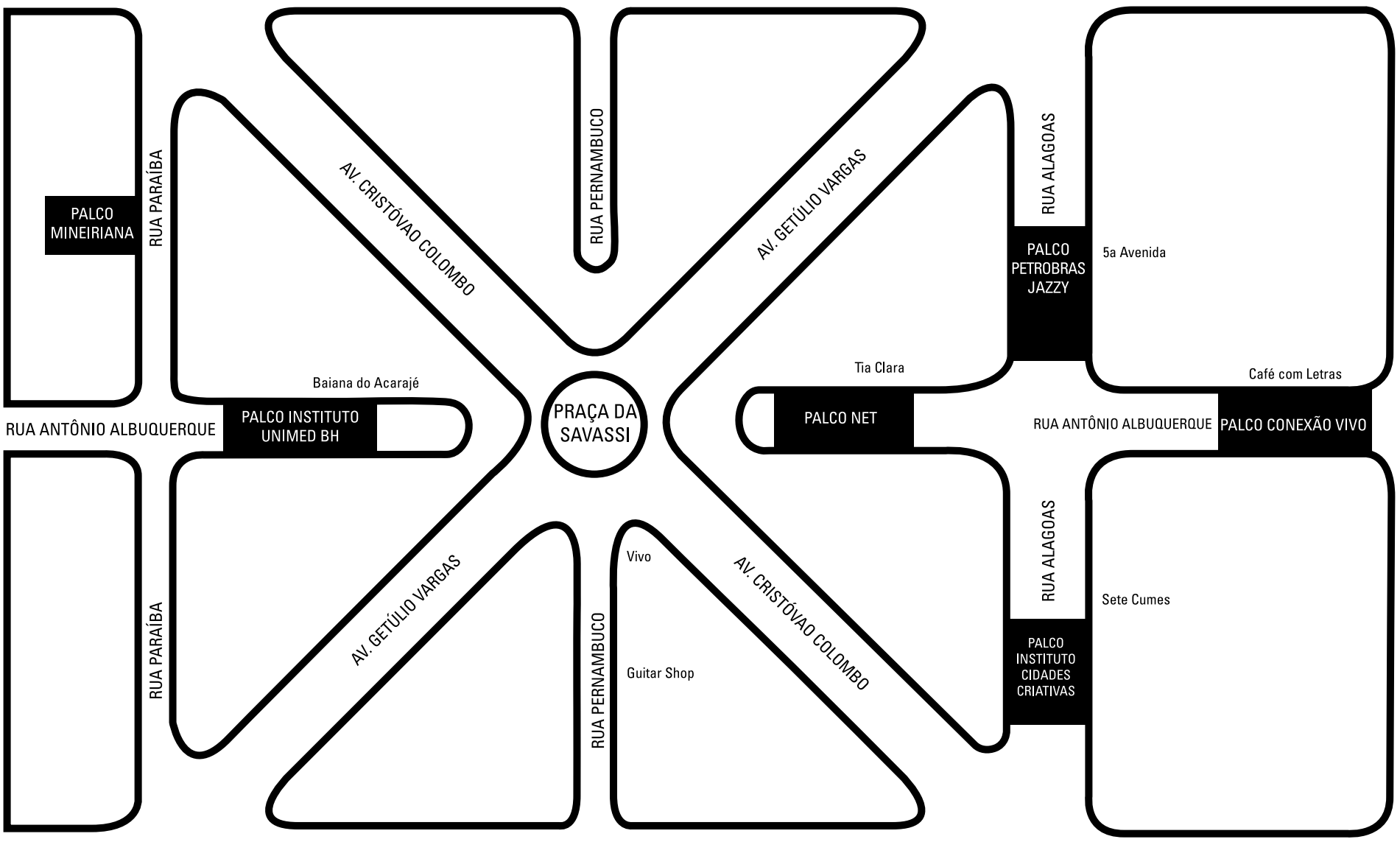
JAZZ
30/07, sábado, 21h00-23h00 | MARK LAMBERT E CONVIDADOS (EUA/BRA)
Mark Lambert (guitarra/voz), Jimmy Duchowny (bateria), Jefferson Lescowich (contrabaixo) e convidados
31/07., 21h00-22h15 | FRANK HERZBERG TRIO CONVIDA JOHN STEIN (ALE/EUA/BRA)
Frank Herzberg (contrabaixo), John Stein (guitarra), Zé Eduardo Nazario (bateria), Alexandre Zamith (piano)

01 DE AGOSTO

SAVASSI FESTIVAL

Entrada mediante a doação de 2kg de alimento não perecível (exceto sal, fubá e farinha). Todos os alimentos serão doados à AMAS, com a ajuda da Localiza. Meta: 50 toneladas.

Traga seus celulares, baterias e acessórios antigos para o Programa Vivo - Recicle seu Celular. A renda será revertida para projetos de preservação do meio ambiente do Instituto IPÊ.



01 DE AGOSTO SAVASSI FESTIVAL

PALCO CONEXÃO VIVO

Rua Antônio de Albuquerque, em frente ao Café com Letras)

13h00-14h00 | DJ Fael
14h00-15h15 | GALINHA CAIPIRA COMPLETA (DF)
Márcio Marinho (cavaquinho), Rafael dos Anjos (violão), Hamilton Pinheiro (contrabaixo), Rafael dos Santos (bateria)
15h15-16h00 | DJ Fael
16h00-17h15 | SCOTT FEINER CONVIDA GABRIEL GROSSI (EUA/BRA)
Scott Feiner (pandeiro), Gabriel Grossi (gaita), Rafael Vernet (piano), Alberto Continentino (contrabaixo)
17h15-18h00 | DJ B
18h00-19h15 | CYNTHIA SCOTT (EUA)
Cynthia Scott (voz), Vana (piano), Marcello Pellitteri (bateria), Sean Conly (contrabaixo)
19h15-20h00 | DJ B
20h00-21h15 | LUCIEN JOHNSON SEXTET (NZ/BRA)
Lucien Johnson (saxofone), Aloízio Horta (contrabaixo), Beto Lopes (guitarra), André "Limão" Queiroz (bateria), Max Robson (percussão), Leonardo Brasilino (trombone)

PALCO NET

Rua Antônio de Albuquerque, próximo à praça da Savassi

13h00-14:00 | DJ Daniel Poeira
14h00-15h15 | MATHEUS RODRIGUES SEPTETO
Matheus Rodrigues (contrabaixo/guitarra), Rodrigo Salvador (rabeca), Mateus "Tubara" Oliveira (bateria/percussão), Delson Guimarães (contrabaixo/guitarra), Léo Barreto (saxofone), Alex Lima (trompete/flugelhorn)
15h15-16h00 | DJ Daniel Poeira
16h00-17h15 | THOMAS ROTTER QUARTET (ALE/BRA)
Thomas Rotter (contrabaixo), Ull Moeck (piano), André "Limão" Queiroz (bateria), Cléber Alves (saxofone)
17h15-18h00 | DJs Marcelo Dolabela & Frederico Pessoa: brazilian jazz b
18h00-19h15 | LEONARDO CIOGLIA QUINTETO (BRA/EUA) apresenta "Música de Mineiros"
Leonardo Cioglia (contrabaixo), John Ellis (saxofone), Mike Moreno (guitarra), Gabriel Grossi (gaita), Rafael Barata (bateria)
19h15-20h00 | DJs Marcelo Dolabela & Frederico Pessoa: brazilian jazz b
20h00-21h15 | PROJETO COISA FINA (SP)
Felippe Figueiredo (saxofone), Daniel Nogueira (saxofone), Mauricio Caetano (bateria), Matheus Prado (percussão), Didi Machado (trombone), Fábio Leandro Piano (piano), Alê Ribeiro (trompete), Vinicius Pereira (contrabaixo), Thiago Melo (guitarra), Walmer Carvalho (saxofone/flauta), Tico Sax (saxofone/flauta), Abdnald Santiago (trombone), Amilcar Rodrigues (trompete/flugelhorn)

PALCO INSTITUTO CIDADES CRIATIVAS

Rua Alagoas com av. Cristóvão Colombo

13h00-14h00 | DJ Rub
14h00-15h15 | TIAGO BARROS QUARTETO
Tiago Barros (saxofone), Guto Ferreira (bateria), Felipe Fantoni (contrabaixo), Samy Erick (guitarra)
15h15-16h00 | DJ Rub
16h00-17h15 | ENÉIAS XAVIER E VINICIUS DORIN QUARTETO (BH/SP)
Enéias Xavier (contrabaixo), Vinícius Dorin (saxofone/flauta), Nenê (bateria), Írio Jr. (piano)
17h15-18h00 | DJ Thiagão
18h00-19h15 | CHICO AMARAL CONVIDA MANUEL ROCHEMAN (BRA/FR)
Chico Amaral (saxofone), Marcio Bahia (bateria), Enéias Xavier (contrabaixo), Manuel Rocheman (piano)
19h15-20h00 | DJ Thiagão
20h00-21h15 | PARAPHERNÁLIA CONVIDA JOÃO DONATO (RJ)
João Donato (piano/teclado), Marlon Sette (trombone), Leandro Joaquim (trompete), Donatinho (teclado), Pacato (percussão), Alberto Continentino (contrabaixo), Bernardo Bosisio (guitarra), Renato "Massa" Calmon (bateria), Felipe Pinaud (flauta)

PALCO INSTITUTO UNIMED-BH

Rua Antônio de Albuquerque, próximo à rua Paraíba

13h00-14h00 | DJ Yuga
14h00-15h15 | THIAGO DELEGADO
Thiago Delegado (violão), Mateus Bahiense (bateria), Pedro Trigo (contrabaixo), Sérgio Danilo Ramos (sopros), Leonardo Brasilino (trombone)
15h15-16h00 | DJ Yuga
16h00-17h15 | JOHN STEIN & FRANK HERZBERG TRIO (EUA/ALE/BRA)
John Stein (guitarra), Frank Herzberg (contrabaixo), Zé Eduardo Nazario (bateria), Alexandre Zamith (piano)
17h15-18h00 | DJ Marcita Mujer
18h00-19h15 | DAVE STRYKER ORGAN TRIO (EUA)
Dave Stryker (guitarra), Jared Gold (órgão Hammond B3), Jimmy Duchowny (bateria)
19h15-20h00 | DJ Marcita Mujer
20h00-21h15 | BIG BAND PALÁCIO DAS ARTES
Maestro Néstor Lombida (regência); Aline Parreira, Rúbia V. M. Santos (flautas); Flávia Pimenta Alves, Luis Fernando Umbelino da Silva, Raynan Miranda, Wiver Machado (clarinetes); Emiliano Bolla, Ana Carolina Estrela, Moisés A. Oliveira, Raphael V. Ribeiro, Breno Mendonça (saxofones); Natália Coimbra, João Gabriel Machala, Alissom Simplício, Warley da Costa, André Pastore (trombones); José Geraldo, Ana Cecília Soares, Daniel F. de Souza, Ismael Pereira (trompetes); Frederico Natalino, Luisa Camargo (piano); Daniel Silveira, Bo Hilbert (bateria); Tarcísio Braga (percussão); Felipe Guerzoni (guitarra); Frederico Moraes, Thiago Ribeiro (contrabaixo)

PALCO PETROBRAS JAZZY

Rua Alagoas, em frente ao Shopping 5a Avenida

13h00-14h30 | DJs Rud & DJazz (a.k.a. Maria Alice Martins)
14h30-15h30 | DJ Nest
15h30-16h30 | Alexei Michailowsky
16h30-17h30 | Yubaba
17h30-18h45 | Donatinho (RJ)
18h45-20h00 | Trotter (SP)
20h00-21h15 | DJ Robinho Set Especial Deep Jazzed

PALCO MINEIRIANA

Rua Paraíba, no deck da Livraria Mineiriana

15h00-16h15 | MAURO CONTINENTINO
Mauro Continentino (teclado), Pablo Souza (contrabaixo)
17h00-18h15 | TÚLIO ARAÚJO E O PROJETO DOBRADURA
Túlio Araújo (pandeiro), Samy Erick (guitarra), Tiago Barros (saxofone), Vinícius "Boquinha" (contrabaixo)
19h00-20h15 | JOANA QUEIROZ E ASSOCIAÇÃO LIVRE (RJ/BH)
Joana Queiroz (clarinete/clarone), Antonio Loureiro (bateria), Rafael Martini (teclado), Frederico Heliodoro (contrabaixo)

FESTA DE ENCERRAMENTO • VELVET CLUB

Rua Sergipe, 1493, Savassi.
Informações: (31) 3786-0456. Entrada: R$15,00.

22h00-00h00 | DJ Deivid
00h00-02h00 | DJ Soneca a.k.a Trotter (SP)
02h00-04h00 | DJ Gui Henriques

DE 29 DE JULHO A 02 DE AGOSTO

GUITAR SHOP WORKSHOPS

5ª FEIRA – 29/07
MARCELLO PELLITTERI (EUA/BATERIA)
Tema: Uma Abordagem Rítmica da Improvisação
Local: Pro-Music
Horário: 20h00
Ingresso: R$15,00
Endereço: Av. Nossa Senhora do Carmo, 550, São Pedro
Informações: (31) 3221-3400

6ª FEIRA – 30/07
JOHN STEIN (EUA), MIKE MORENO (EUA) E
MARK LAMBERT (EUA)
Tema: A Guitarra no Jazz
Local: Teatro Dom Silvério
Horário: 14h30
Ingresso: R$15,00
Endereço: Av. Nossa Senhora do Carmo, 230, Savassi
Informações: (31) 2191-5700

SÁBADO – 31/07
ERIK MARKE (SP)
Tema: Ensaio MEB - A História da Música Eletrônica Brasileira
Local: Museu Histórico Abílio Barreto
Horário: 14h00
Ingresso: gratuito
Endereço: Av. Prudente de Morais, 202, Cidade Jardim
Informações: (31) 3786 1620 ou info@conteudorecords.com.br

LUCAS MIRANDA (OSCILLOID)
Tema: Produção Musical Eletrônica Ableton Live Suites (Sampler, Simpler & Drumrack)
Local: Museu Histórico Abílio Barreto
Horário: 17h00
Ingresso: gratuito*
Endereço: Av. Prudente de Morais, 202, Cidade Jardim
Informações: (31) 3786 1620 ou info@conteudorecords.com.br.
* mediante inscrição: info@conteudorecords.com.br

2ª FEIRA – 02/08
PROJETO COISA FINA (SP)
Tema: A Música de Moacir Santos
Local: Escola Estadual
Barão do Rio Branco
Horários: manhã e tarde
Ingresso: gratuito*
Endereço: Av. Getúlio Vargas, 1059, Savassi.
*exclusivo para os alunos da escola

CYNTHIA SCOTT
(EUA/VOZ)
Tema: Cantando Jazz
Local: Pro-Music
Horário: 18h00
Ingresso: R$15,00
Endereço: Av. Nossa Senhora do Carmo, 550, São Pedro
Informações: (31) 3221-3400

THOMAS ROTTER (ALE/CONTRABAIXO) E ULL MOECK (ALE/PIANO)
Tema: Fundamentos do Improviso no Jazz
Local: Pro-Music
Horário: 20h00
Ingresso: R$15,00
Endereço: Av. Nossa Senhora do Carmo, 550, São Pedro
Informações: (31) 3221-3400

DUDU BRAGA(MG/CAVAQUINHO) & MÁRCIO MARINHO (DF/CAVAQUINHO)
Tema: O Cavaquinho e o Jazz
Local: Guitar Shop
Horário: 20h00
Ingresso: R$15,00
Endereço: Rua Pernambuco, 1108, Savassi
Informações: (31) 3261-4595

DE 26 DE JULHO A 03 DE SETEMBRO

EXPOSIÇÕES

JAZZ MODULAR
Artista: Alexandre Mancini
De 26 de julho a 29 de agosto
Local: Café com Letras - Rua Antônio de Albuquerque, 781, Savassi
Informações: (31) 3225-9973

PALCO JAZZ
Artista: André Tanure
De 03 de agosto a 03 de setembro
Local: Museu Inimá de Paula, Rua da Bahia, 1201, Centro.
Informações: (31) 3213-4320

SAVASSI
FESTIVAL2010
jazz+lounge

Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • AIB • Aliança Francesa • Arquivo Público Mineiro • Art Vídeo • A&M+hardy • Berlitz • Biblioteca Pública Estad. Luiz de Bessa • Café com Letras • Casa do Baile • Celma Albuquerque Galeria de Arte • Centro de Cultura Belo Horizonte • Cultura Alemã • Desvio • Eh! Vídeo • FUMEC • Fundação Clóvis Salgado • Fundação de Educação Artística • Fundação Municipal de Cultura • Galpão Cine Horto • Grampo • Instituto Cervantes • Isabela Hendrix • João Caetano Cafés Especiais • Livrarias da Editora UFMG: Campus - Conservatório - Ouro Preto • Museu de Arte da Pampulha • Museu Inimá de Paula • Museu Mineiro • Quina Galeria • Rádio Inconfidência • Rede Minas • Secretaria de Estado de Cultura de MG • Teatro Dom Silvério • Teatro Francisco Nunes • Teatro Marília • UEMG • UFMG/ Escola de Arquitetura • UFMG/ Escola de Belas Artes • UFMG/ Letras • UFMG/ Fafich • UFMG/ Rádio Educativa • Usina das Letras Palácio das Artes • Usina